

**PRODUÇÃO DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID PUC-MINAS**

***PRODUCTION OF AUTOBIOGRAPHICAL REPORTS IN THE FORMATION OF
PHYSICAL EDUCATION TEACHERS: AN EXPERIENCE AT PIBID PUC-MINAS.***

Admir Soares de Almeida Júnior

Izaú Veras Gomes

Anderson Almeida Mota

RESUMO

A formação de professores é hoje uma das principais preocupações das políticas públicas direcionadas à educação. Diante dessa tendência, surge também outra necessidade, reestruturar e reelaborar os processos/práticas envolvidos nessa formação, tanto inicial quanto continuada.

Para tanto, o presente trabalho apresenta as narrativas autobiográficas de experiências escolares como uma possibilidade para o processo formativo dos professores, enfatizando nossa experiência com esse tipo de produção através de nossa participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBID), na PUC Minas.

Tais registros foram analisados a partir de uma abordagem embasada no materialismo histórico dialético, utilizando a revisão bibliográfica como estratégia de diálogo com os textos elaborados, abrindo possibilidades de vincular o conhecimento surgido na própria ação e espaço em questão, referentes à narrativa, ao conhecimento “teórico” e às suas próprias experiências já vividas.

A análise desses registros nos permitiu ampliar a importância desse processo na identificação e reflexão sobre os dilemas vivenciados no cotidiano escolar, contribuindo para superar e ressignificar a prática docente instrumentalista, na qual o professor é reproduzidor dos conteúdos ensinados nos cursos de formação em Educação Física.

Palavras-Chave: *Educação Física; registro autobiográfico; Crônicas; PIBID*

ABSTRACT

Teacher training is now a major concern of public policies directed to education. Given this trend, also comes other needs, restructure and redesign the processes / practices involved in this training, initial and continued.

To this end, the paper present the autobiographical narratives of school experiences as a possibility for the training process of teachers, emphasizing our

experience with this type of production through our participation in the “Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), in PUC Minas.

These records were analyzed from a grounded in historical materialism dialectical approach, using literature review as strategy for dialogue with texts produced, opening up possibilities to link the knowledge emerged in the action itself and the space in question, related to the narrative, the "theoretical" knowledge and their own experiences already lived.

The analysis of these records enabled us to expand the importance of this process in the identification and reflection on the dilemmas experienced in daily school, helping overcome and reframes the instrumentalist teaching practice, where teacher is player of the contents taught in training courses in Physical Education.

KEYWORDS: *Physical Education; autobiographical record; Chronicles; PIBID*

1-INTRODUÇÃO

A crescente perda de prestígio na profissão docente vem causando movimentos em busca da reconstituição de identidade e valorização profissional. Entretanto as suas políticas de valorização não têm sido suficientes. Principalmente se pensarmos que ao mesmo tempo em que temos uma enorme expansão no acesso aos cursos superiores e a universalização do acesso à educação básica, que implica a necessidade de mais professores, menos se vê atratividade na carreira docente, tanto é que 70% dos egressos de licenciaturas não chegam a ingressar na profissão, ou a abandonam precocemente. (SANTOS, 2010)

Diante desse quadro, Santos (2010) ressalta que o Ministério da Educação, instituiu através do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, na qual está incluído o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da CAPES, que pretende desenvolver ações para favorecer a formação inicial e continuada de professores, promovendo diálogos entre acadêmicos e a educação básica, desenvolvendo ações por meio de bolsas de iniciação à docência para alunos da Licenciatura presencial e bolsas de supervisão para professores das escolas públicas envolvidas, visto que também é objetivo do programa a qualificação de sua formação continuada.

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Participamos do PIBID em uma escola da rede estadual de Minas Gerais, na qual promovemos ações coletivas em um grupo de alunos dos cursos de História, Geografia, Ciências Sociais e Educação Física, com seus respectivos professores supervisores, além de um coordenador de área na escola. Nossa principal ação, até o presente momento, foi realizar um diagnóstico escolar para em seguida planejar e desenvolver nossas ações pedagógicas por meio de projetos que promovam melhorias à escola e se constituam como ações formadoras, iniciada e continuada, no âmbito da docência.

Paralelamente, existe também outro subprojeto para cada área, coordenado pelo respectivo coordenador de área de cada curso. Em nosso subprojeto de Educação Física, seguimos por uma linha de identificação e reflexão sobre o lugar simbólico da Educação Física na escola para promover ações que auxiliem na legitimação da Educação Física escolar, através do entendimento de que ainda existem diferentes representações de seu lugar em um mesmo espaço.

Sobre essas diferentes representações, damos atenção às palavras de Vago (1997) ao tratar sobre os diferentes projetos políticos de sociedade e de educação que estão em luta na realidade brasileira. Existem confrontações entre um projeto político educacional de organização empresarial e outro que se contrapõe a esse modelo, valorizando a escola como direito à cidadania e do ensino público como obrigação do Estado. Diante disso surgem outras questões colocadas por Vago (1997): “sendo atores sociais, de que sentidos investimos as nossas práticas escolares? Podemos desenvolver nossas "capacidades inventivas" e também as de nossos alunos e alunas na realização do ensino de educação física?”

Vago (1997) afirma que são as interações sociais produzidas nas práticas inventivas dos sujeitos presentes na escola, responsáveis pela especificidade da cultura escolar. Entretanto, ainda estamos vivendo e recebendo influências herdadas de um longo período da “educação tradicional”. Com isso, se reconhecemos a escola como um espaço além da relação de formação para o trabalho e da transferência de saberes, necessitamos buscar novos meios para reconstruir nossas práticas.

Diante dessas tendências, os registros autobiográficos surgem como importante proposta na formação de professores. Em expansão no Brasil desde a década de 90,

muitos cursos de formação têm utilizado esses registros em seu currículo, “de maneira isolada ou integrada em algumas disciplinas”. (TERRA, 2010)

Almeida Junior e Fernandes (2012) e Souza (2008), também destacam o registro autobiográfico das aulas como uma importante estratégia de reflexão das práticas escolares, auxiliando na superação de um dos maiores dilemas vividos no processo de formação de professores presente na dicotomia teórico-prática.

Assim, a partir de nossas experiências no PIBID, apresentamos nesse trabalho o registro autobiográfico de experiências escolares como uma diferente possibilidade para o processo formativo dos professores e de melhoria na compreensão de nossas práticas sociais na escola, bem como da produção científica docente, ainda viciosa em tendências tecnicistas.

2-DIFERENTES ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO DIAGNÓSTICO ESCOLAR: O REGISTRO AUTOBIOGRÁFICO

Durante o primeiro semestre de trabalho foram realizados processos de mapeamento escolar para, diante dos apontamentos iniciais, planejar nossas “ações pedagógicas”. Os processos se deram por meio de três eixos de análise: sujeito, espaço e tempo.

Buscamos identificar como esses elementos estão presentes nesta escola sob o olhar da interdisciplinaridade. Para tanto, foram utilizados diferentes estratégias de coleta e análise de dados: questionário sócio-econômico, questionário sobre os espaços e serviços da escola; entrevistas e enquetes com alguns professores, alunos e funcionários; grupos focais temáticos; registros fotográficos, audiovisuais e autobiográficos.

A estratégia do registro autobiográfico, no formato de crônicas, se consolidou em nosso grupo como uma interessante forma de tratar os fatos cotidianos e inesperados que acompanhamos em nosso processo, permitindo-nos analisar tais fatos sob uma nova perspectiva, mais introspectiva, explicitando melhor nossas relações e concepções sobre a escola, e abrindo possibilidades para reconstruir essas relações de maneira crítica e reflexiva.

Sobre esse processo de diálogo, fortemente demarcado por nossas percepções e relações com o ambiente externo, a memória se refaz constantemente, podendo ser

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

constituída através do registro autobiográfico, que por sua vez é construído a partir do seu objeto de observação. Segundo Souza (2008):

A pertinência epistemológica da pesquisa autobiográfica no domínio das Ciências da Educação, conforme Delory-Momberger (2001 e 2006) tem possibilitado apreender características, bases teórico-científicas dos modelos biográficos através da biografização, do trabalho e espaço biográfico como marcas das identidades e subjetividades dos sujeitos em processos de aprendizagens e desenvolvimento cotidianos. As idéias de biografia, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e enraizam-se no curso da vida, como uma maneira que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura. (SOUZA, 2008,p.39)

Sobre o trabalho desenvolvido com os registros, podemos falar através de nossa experiência, tal qual explicitado por Almeida Junior e Fernandes (2012), sobre o grande desafio manifestado no processo de escrita autobiográfica, um processo cansativo, lento e aparentemente de pouco resultado “prático”, um disparate à nossa cultura.

Ora, se este é um processo que aparenta ser ineficaz, o que justificaria utilizá-lo?

Basicamente as crônicas são narrativas autobiográficas que possuem o objetivo de relatar vivências pessoais. São, como sugere Terra (2010), a expressão de uma profunda insatisfação com os modos habituais de investigação educativa, se contrapõe ao desenvolvimento de propostas curriculares onde o professor apenas executa o que lhe é prescrito.

Ainda sobre essa relação instrumental e da possibilidade de sua superação através da escrita, devemos nos precaver de possíveis influências desse próprio modelo instrumental em nossa formação, principalmente quando:

Ao longo de nossos processos formativos, de nossa trajetória de formação profissional, fomos acostumados a produzir textos somente *para os outros* e não para nós mesmos. Tornamo-nos produtores de textos impessoais produzidos para um *Leitor Modelo*: nossos professores. Aprendemos a produzir textos que não nos permitiam o exercício da reflexão isto é: *textos escolares*. (ALMEIDA JUNIOR; FERNANDES, 2012, p.425)

A produção dessas crônicas dá voz ativa aos autores/professores, abrindo possibilidades de vincular o conhecimento surgido na própria ação e espaço em questão, o conhecimento “teórico” e às suas próprias experiências já vividas. Essas conexões

contribuem para profundas transformações nos modos de ser professor, são um meio para transformar os processos educativos e não apenas reproduzi-los.(TERRA, 2010)

3- APRESENTANDO ALGUMAS CRÔNICAS

Na sequência, apresentaremos duas crônicas produzidas em nosso processo de acompanhamento do cotidiano escolar.

A primeira crônica, intitulada “Quem não sonhou em ser um jogador de futebol”, retrata um episódio ocorrido no segundo semestre de 2012, em que foram realizados os “Jogos de Integração do Portinari”(JIP). O episódio em questão conta, através de uma perspectiva autobiográfica, o enaltecimento da mídia durante a abertura dos jogos e relações derivadas do esporte midiático dentro do ambiente escolar.

Da mesma forma, na segunda crônica, intitulada “Tem problema!?”, é relatado um fato específico ocorrido durante uma das aulas de Handebol no primeiro bimestre de 2013, sob a temática do esporte. O episódio nos permite identificar possibilidades de ressignificação e construção de uma prática esportiva escolar a partir da prática pedagógica do professor acompanhado, em contraposição ao esporte midiático presente na abertura dos referidos jogos.

3.1-Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?

1/10/12

Bom...estou aqui auxiliando a organização dos jogos...muita agitação, muitos alunos...agora a pouco a equipe da TV Alterosa veio aqui. Dadá Maravilha veio para dar abertura aos jogos. Nunca vi algum aluno ser tão carismático com um professor como alguns foram com ele. Está certo que é o Dadá e de que em alguns instantes ele vai dar o saudosos, majestoso, importantíssimo, fundamental e inesquecível chute de abertura, ora, até na Copa do Mundo isso acontece, porque não aqui??? O professor está na escola todo dia, fala muito, é cansativo, ele enjoa...

Bem, como ia dizendo Dadá veio dar o chute de abertura na partida de Futsal...professores, diretores, funcionários, todos auxiliando na organização desse “grande momento”. Câmeras posicionadas, alunos na torcida posicionados adequadamente, e ele vindo por um corredor de alunos, pétalas de rosa voando junto de sua passagem...não, isso não é um mero detalhe para

enfeitar a história...um corredor de alunos jogando pétalas de rosa em Dadá. Tudo de acordo com o script...e aí...me esqueci de comentar...onde estão os alunos em quadra para jogar???

Um breve momento de incerteza e desespero se inicia. Dadá se aproximava da quadra para dar início à primeira partida, junto dele a câmera...por sorte o corredor de alunos era extenso.

Rapidamente os professores tomam as devidas providências convocando alguns alunos para entrar na quadra, na pressa, alguns desses alunos entraram sem uniforme, mas rapidamente foram substituídos. Engraçado perceber como num momento de impaciência e urgência as concepções do nosso subconsciente afloram, aquelas das quais tentamos esquecer ou ressignificar, mas que vez em quando vem a tona...aquelas mesmas que as vezes nos causam grandes constrangimentos, enfim...só meninos estão em quadra é claro...afinal de contas eles se saem melhor em frente as câmeras, ainda mais se tratando de Futsal, pelo menos eu aprendi dessa maneira.

Sei também que não posso criticar tal fato...será que na mesma situação não tomaria as mesmas providências???. É tudo tão complexo quanto parece...são muitas relações, muitas coisas envolvidas, não acredito ser humanamente possível ter controle de tal situação, ainda que não seja um fato para negar a tentativa e persistência em se criar novas alternativas. Só me arrisco a dizer que muitos de nós provavelmente faríamos o mesmo e reconhecer isso é um primeiro passo para mudar.

Agora já está tudo pronto e voltando a história...

E para simbolizar a abertura dos jogos, lá vem ele, Dadá...se posiciona no meio da quadra, os dois times atentos, bola ao chão, silêncio e concentração total, o som do apito, Dadá vai dar o passe eeee...irreverentemente sai correndo com a bola em direção ao gol, faz uma graça na frente do goleiro, chuta e...

Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?

3.2-Tem problema!?

22/03/2013

Nada como uma boa surpresa para quebrar um pouco do cotidiano, isso se o próprio cotidiano já não é uma constante inconstância, uma sucessão de surpresas...

Os alunos estavam em um jogo no qual cada um dos dois times deveria colocar todos seus jogadores na defesa. Para isso cada time contava com uma bola e apenas um jogador poderia

conduzi-la para tentar fazer o gol, se o fizesse poderia ir para a defesa de seu time e assim o jogo prosseguia até que todos fizessem o gol.

A turma estava dividida em duas quadras, meninos na de baixo, meninas na de cima...e eu observando os jogos entre as duas quadras, enquanto o professor Eduardo buscava mais bolas. Ainda sem muita intimidade com a turma, preferi ficar apenas observando e vez ou outra respondendo as perguntas dos alunos...e que perguntas...

Um dos alunos vem correndo até mim, com uma expressão de preocupação que me deixou mais preocupado ainda...e disse:

—Você tem que dar um jeito, aquele menino não sabe jogar, ele tem algum problema, é sério...todo mundo já fez o gol e só ele que não!

Eu tenho que dar um jeito??? Por que eu?Qual jeito?

Completamente sem ação, começo a pensar em uma solução rápida... realmente aquele aluno está com dificuldades, mas o que posso fazer? A única resposta que me vem a cabeça é:

—O que eu posso fazer? Ele também tem o direito de jogar não tem?"

E assim surge uma proposta...

—Eu sei...eu também acho, mas ele não consegue...ele não pode trocar com o goleiro?

—Não, vocês não escolheram ele para o gol...ele só vai aprender se tentar...essa é a idéia do jogo...todos tem que ter chance pra tentar fazer o gol...

—Tá, mas e se ele não conseguir?

Só então pensei em algo óbvio...

—Uai, a outra equipe pode conseguir antes e aí vocês começam um outro jogo. Quer ver, vou te dar uma dica...quando o jogo começar outra vez, não deixem ele por último, esperem pra ficar com a bola do outro time e aí ele pode ir com outra pessoa pra jogar duas bolas ao mesmo tempo, vai ser mais fácil.

Escutei mais um “tá”, me soou quase como um “tá bom...deixa pra lá”, no mesmo momento o professor Eduardo retornava às quadras e coincidentemente encerrou os jogos para dar início a um novo jogo, o tal aluno acabou indo para o gol...tudo estava “resolvido” entre os meninos daquele time...e eu percebi que minha sugestão tinha ido pro espaço.

Pouco tempo depois, mais uma vez os jogos foram encerrados para dar início a um jogo misto e dessa vez o “problemático” estava de volta na “linha”...

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Times cheios, cerca de 15 jogadores em cada disputando a chance de fazer o gol mais rápido com as duas bolas disponíveis. Algumas meninas reclamaram antecipadamente de que o jogo não daria certo porque elas não iriam receber a bola...foi o que aconteceu...

Durante algum tempo, só alguns meninos estavam jogando...ou recebiam a bola do goleiro, ou se colocavam a frente das meninas para lhes tomar a bola, salvo poucas exceções, e assim iam fazendo os gols. Quando três jogadores no mesmo time do “problemático” conseguiram fazer o gol, surgiu a surpresa...

Grande parte do time passou a entregar toda bola recebida para o “problemático” e ele por sua vez, com muita disposição, tentava fazer o gol...foram muitas tentativas em vão e aos poucos o time todo foi se dando conta da situação, e o coletivo, praticamente sem verbalização oral...somente através do movimento... foi encontrando a solução para seu dilema.

O time sempre aguardava ter as duas bolas em sua posse para só então avançar com as duas bolas ao mesmo tempo, uma bola com o “problemático” e a segunda com outro jogador de apoio...a cada tentativa, e foram muitas, aumentava a expectativa de todo time...outra tentativa e mais expectativa...uma bola de raspão na trave e vários gritos de “Uhhhhh”...um espetáculo estava sendo criado, a torcida por esse gol tomou conta de todo o time, os torcedores/jogadores estavam eufóricos, semelhantes à torcedores em um estádio de futebol...com exceção do fato de que esse era um jogo de handebol...

E então, como já era de se esperar, veio o momento épico daquela grande pequena batalha...uma arremesso forte e bem direcionado...olhares atentos, a bola em direção ao ângulo...prestes a entrar...e...lá estava o goleiro, atento aos bons lances...

...só que ao mesmo tempo, bem do outro lado, vinha ela, uma bola sem direção e fraca, oriunda daquele arremesso bem torto que todos nós já fizemos... era possível sentir a tensão no ar...e em uma fração de segundos, a bola passou da linha, lá estava ele...o tão desejado gol do “problemático”.

Pulos, gritos, sorrisos, meninos e meninas comemorando...abraços e mais abraços ao novo goleador que nem sequer tentou conter sua alegria, aquele sorriso contido que só os bons demonstram para naturalizar o gol não existia em suas feições...era só felicidade...

...acho que todos nós precisamos de sucesso para acreditar que somos capazes...

Enfim, o jogo também precisa continuar...a comemoração foi se abrandando e os jogadores se posicionaram na defesa para evitar o gol do adversário...e mais uma vez, lá vinha a bola...dessa

vez nas mãos de uma menina...alguns gritos do outro time...defensores atentos...e o jogo foi seguindo...vez em quando mais gritos...mais gols...até que acabou...

4- AMPLIANDO AS CRÔNICAS: INTERPRETAÇÕES INICIAIS

Fruto de diversos processos históricos, nossa compreensão de Educação Física escolar é representada por um conjunto de conhecimentos específicos estruturados na perspectiva de uma cultura corporal de movimento, na qual também se encontram as práticas esportivas. Entretanto, é necessário ressaltar a existência concomitante de diferentes representações da Educação Física escolar, reflexos desses mesmos processos históricos, dentre as quais é possível citar a Educação Física esportivadora, prática muito forte no período da ditadura militar, mas ainda presente.(VAGO,1997)

Ao falar de esporte no ambiente escolar, podem-se ter diversas concepções no tratamento ao esporte, consideramos aqui duas visões clássicas: o esporte na escola e o esporte da escola. Segundo Santin (2007) o esporte na escola é aquele que é assumido, trazido de fora e reproduzido dentro da escola; e esporte da escola é o esporte assumido pela escola conforme os princípios de sua filosofia pedagógica.

Qual teria sido essa a prática do professor em questão? Esporte na escola?!

Não seria tão simples afirmar tal fato baseado em apenas um episódio, existem muitos fatores que influenciam sua prática, outras pessoas estavam envolvidas nesse processo, representantes institucionais, diretores, outros professores e até mesmo o porteiro, responsável pelo contato com a emissora de televisão. Reconhecendo alguns atores dessa ação, nos cabe perguntar: qual teria sido a função de trazer representantes da mídia para os jogos da escola?

Ora, se a própria escola é constituída por diferentes grupos sociais, sujeitos, espaços e tempos, logo também possuem inúmeras funções sociais. Valemo-nos do conceito da escola como um lugar socioeducativo onde se deve ocorrer transmissão, reprodução, produção e transformação de cultura. Logo, a escola não é uma instituição para apenas se reproduzir papéis sociais de mídia. No tocante à função social da Educação Física escolar, Vago (2009) diz:

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Escola não é clube. Escola não é academia de ginástica. Escola não é centro de treinamento esportivo. A escola não é a rua, ou a praça do bairro. Escola não é tempo nem “equipamento” de lazer. Embora possa estabelecer relações com todos esses lugares, a escola é um tempo e um lugar singular, que não pode ser nem confundido com (nem substituído por) nenhum desses. (VAGO, 2009, p.26)

Partindo do pressuposto de negação de algumas representações de Educação Física e da própria escola, Vago (2009) explicita a ideia de que o tratamento do esporte na escola deve ser diferenciado dos demais lugares, mesmo porque a escola e a Educação Física possuem especificidade. Como já ressaltado por Vago (1996) a Educação Física não se legitima enquanto componente curricular sendo apenas uma extensão da instituição esportiva. Muito embora, tal concepção crítica tenha, e ainda tem, sido construída desde o final da década de 80, existem movimentos contrários a essa perspectiva de legitimação da Educação Física escolar.

Bratch e Almeida (2003) justificam tal fato comparando diferentes momentos históricos nas relações entre a Educação Física e o esporte. Em um primeiro momento, mais especificamente na década de 70, houve grande aceitação acerca da importância da Educação Física na escola como base da pirâmide esportiva, uma vez que o esporte estava sendo amplamente disseminado. Logo após, como o arrefecimento do esporte, a Educação Física também perdeu legitimidade. Isso nos sugere uma implicação de que essa relação gera uma relação de dependência, na qual a legitimação da Educação Física se faz inconstante e semelhante ao nível de expansão dos esportes. (BRATCH; ALMEIDA, 2003)

O pós-jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, desencadeou um forte movimento pró Educação Física escolar por diferentes esferas sociais, uma união do útil ao agradável se pensarmos que se unem interesses do sistema esportivo e do corporativismo presente na Educação Física, representados pelo Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF). Fato esse que culminou, coincidentemente ou não, no retorno da obrigatoriedade da Educação Física nas escolas brasileiras. (BRATCH; ALMEIDA, 2003)

Desse conceito de legitimação surge uma profunda inquietação. Ainda que a escola e a Educação Física possam e devam ser reconhecidos como um espaço específico, de transmissão e reconstrução cultural, o que podemos pensar quando, em

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

um dado momento de pressão para cumprir os papéis midiáticos de organização de um “evento”, a escola oferece quase dedicação exclusiva para realizar tudo de acordo com o script? Seriam essas, ações para tentar para insuflar o ego dessa escola ao aparecer na mídia?

A Escola e a Educação Física realmente dependem de cumprir esse papel de extensão do sistema esportivo para criar ou mesmo manter legitimidade? Escola e Mídia estão em relação de dominação ou de diálogo? Esporte *da* escola ou esporte *na* escola?

Para conseguir trabalhar o esporte da escola nas aulas de Educação Física, primeiramente precisamos contextualizar e questionar as relações da mídia que faz do esporte um espetáculo e que o incentiva a ser reproduzido da mesma maneira, constituindo uma relação de mercado e dominação social, não podemos simplesmente negar sua presença, se o fizéssemos, que educação seria essa? As crianças não se relacionam com a mídia fora da escola?

Ora, se nossas ações enquanto professores são pautadas em uma formação cultural, e se tratando de Educação Física, em uma formação de uma cultura corporal, há que se considerar o consumo midiático como um produto cultural, reconhecendo-o como elemento integrante de nossa(s) cultura(s) vigente(s).

Betti (1997), diz que:

“A escola tem a obrigação de ajudar as novas gerações de alunos a interpretar os símbolos da sua cultura, deve fornecer-lhes modelos de interpretação e análise crítica. A televisão, exemplifica, fenômeno cultural impressionante, é todavia a prática para a qual os cidadãos estão menos preparados para enfrentar de modo reflexivo e crítico, e percebe-se como a escola fica defasada quando precisa adaptar-se a uma sociedade em mudança, quando precisa educar para uma cultura renovada.” (BETTI, 1997; p.67)

Assim também nos cabe questionar, tanto professor e escola poderiam, diante do referido quadro, promover ações pedagógicas para essa educação crítica?

Além disso, ao presenciarmos alunos que talvez sequer gostariam de estar ali; cada turma com seu uniforme, sentados em lugares separados, ou melhor, segregados; onde apenas meninos uniformizados podem estar dentro de quadra durante a abertura

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

dos jogos; onde os alunos aparentemente são incentivados a se vitimarem para a televisão; podemos falar em direito ao corpo, tal qual explicita Vago(2009)?

A Educação Física escolar realmente pode contribuir para essa formação crítica, que compreenda o humano com direito ao corpo, sem negar a cultura midiática instaurada em nossa sociedade?

Ainda que careça de muita reflexão em seu ambiente interno, a prática desenvolvida nessa escola pode também ser vista por outra ótica. Passível de muitas críticas, essa abertura pode ser compreendida como um feliz ou infeliz processo que tenha servido como ação sensibilizadora ao que veio na sequência.

Mais uma vez evitamos cair no consenso baseado em apenas um episódio. As percepções criadas a partir de nosso diagnóstico e do acompanhamento dos jogos na escola, a despeito de sua abertura, foram fundamentais para refletir sobre a prática do professor de Educação Física que acompanhamos.

De fato, acompanhamos um período destinado às práticas desportivas, incluindo aí os “Jogos Olímpicos” da escola que se transformaram sob nossa visão, diante do referido processo de análise, de uma prática de formação estritamente esportiva acrítica para uma nova possibilidade de ampliar as experimentações de diferentes práticas desportivas; de experimentar práticas com diferentes regras, adaptadas as condições sócio-culturais dos alunos em seus diferentes níveis de aprendizado; de valorizar questões de gênero, incluindo jogos femininos, masculinos e mistos e acima de tudo, compreendendo que esse é um processo em construção, iniciado há pouco mais de cinco anos na escola.

Com isso podemos também alegar, sob outra ótica, que os jogos desenvolvidos tenham sido, diante das concepções já referidas, uma prática positiva. Fato esse que só foi possível diante do processo de reflexão sobre nossas próprias produções na escola. Almeida Junior e Fernandes (2012) relatam que o processo de “imersão no cotidiano da escola reorienta nosso olhar sobre a docência”, podemos explicitar através de nossa prática que esses olhares foram, são e ainda serão constantemente reorientados.

Corroborando com o olhar de uma prática que permite especificidade ao esporte praticado na escola, temos também o exemplo da aula de Handebol promovida pelo professor acompanhado. Partindo de um pressuposto base de participação de todos, a

proposta possuía como objetivos esclarecidos pelo professor, a experimentação do jogo, enfatizando alguns gestos como o arremesso e a defesa¹.

Havia também uma relação de aprendizado pela experiência de sucesso, muito embora vez ou outra algum aluno não conseguisse fazer o gol, ninguém era suprimido pela habilidade do outro, o desafio era se superar a cada arremesso, melhorando seu gesto até conseguir fazer o gol, para depois ajudar sua defesa enquanto os outros faziam o trabalho do gol.

Desses elementos é possível refletir que além de conhecer o Handebol através de sua experimentação em uma “adaptação” da modalidade, o jogo também permite ao aluno ressignificar essa prática esportiva e perceber que existem possibilidades de se praticar esporte de formas diferentes das já consolidadas socialmente, nas quais só os bons jogam, nas quais se é quase sempre consumidor e não protagonista. É possível ainda falar que o jogo permite o despertar de uma sensação de também ser capaz, tal qual aquele colega que é o “bom”; a sensação de ser necessário para o grupo, de ser pertencente e autônomo, coisas que dificilmente um esporte nos moldes midiáticos, ou um esporte *na escola*, poderia oferecer.

Tudo isso ocorreu ao acaso?

Talvez nem o próprio professor tenha imaginado todas essas possibilidades, para nós mesmos muitos desses acontecimentos só vieram fazer sentido durante esse processo de escrita.

Obviamente o professor direcionou seus alunos a uma prática escolar esperando um resultado, não da maneira como surgiram e muito menos no tempo em que aconteceram, mas havia uma intencionalidade para os fatos que se sucederam e foi nela que os alunos investiram seus próprios significados ao jogo.

Dentro dessa lógica surge uma problematização, um dos alunos pede uma solução para um dos colegas que “não sabe jogar”. Aí estavam dois diferentes sujeitos e um desafio; um com dificuldades no jogo e outro preocupado com sua equipe e,

¹ A regra propunha que os jogadores, em fila, tentassem realizar o gol na equipe oposta, inicialmente sem nenhum defensor, caso algum jogador fizesse o gol seu objetivo passava a ser defender os ataques da outra equipe em sua área de defesa. Esse princípio estimulou a participação dos alunos com menor capacidade técnica para a situação, afinal de contas a equipe só poderia avançar no jogo se esses fizessem o gol, o grupo necessitava desenvolver estratégias para consolidar sua vitória identificando as diferentes necessidades e capacidades de cada jogador e não só as suas.

indiretamente ou não, com as dificuldades de seu colega; o desafio em seu pedido: “*Você tem que dar um jeito...*”

Nesse momento onde se encontrava o professor? Onde estavam o conhecimento científico e as teorias que havia aprendido? Onde se encontrava a resposta? O que teria me movido para dar a resposta?

Apesar de não ter conseguido imediatamente pensar nas discussões presentes ao longo do curso de Educação Física, todo esse conhecimento adquirido esteve intrínseco na resposta, não em uma frase pronta, mas como um conjunto de competências que me formaram e transformam continuamente como professor e humano. É nesse sentido que Souza (2008) fala em um estudo centralizado na pessoa do professor, enfatizando subjetividades e identidades das formações históricas, o que permite uma tomada de consciência no reconhecimento dos nossos saberes.

Se tratando desse aspecto de consciência, teria a resposta dada ao aluno sido responsável pelo que veio na sequência?

Muito embora a solução pelos alunos tenha sido de forma semelhante ao que lhes foi proposto, não seríamos audazes o suficiente para alegar que superaram aquele dilema simplesmente pela resposta obtida, até mesmo por que o diálogo se deu com apenas uma dos alunos de uma equipe de quinze, caso contrário estaríamos reconhecendo a escola como esse processo hermético ao qual já negamos.

A solução veio com o próprio desenrolar do jogo, fato extremamente complexo. Provavelmente o convívio entre aqueles alunos, suas intimidades, permitiram reconhecer quais eram as capacidades de cada jogador. Tanto é, que a ação se deu por meio de uma comunicação corporal isenta de verbalização oral, todos passavam a bola para o “problemático”, uma ação conjunta e não somente daquele aluno que se comunicou comigo.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda recente em nosso país, a produção dos registros tem se consolidado em nosso processo como uma importante estratégia de identificação e reflexão dos elementos cotidianos da escola, em nosso caso, mais especificamente nas aulas de Educação Física. Isso nos permite superar o consenso existente acerca do

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

distanciamento entre teoria e prática, estabelecendo novos diálogos, para que na identificação desses elementos possamos, durante o processo da escrita e leitura dos textos, ressignificar nossa prática docente e o processo de formação inicial/continuada.

O processo da escrita autobiográfica, como uma estratégia de reconhecimento da influência histórico-cultural em nossa atuação docente, também permite que o professor possa fazer uma intervenção pedagógica mais ampliada e compreensiva, na medida em que se torna mais capaz de visualizar, acolher e utilizar a diversidade cultural dos alunos em seus saberes e fazeres, tornando a aula um espaço para práticas sociais críticas e de reconstrução da cultura vigente, contribuindo para que os próprios alunos se desvinculem de uma concepção de homogeneização social.

Disso talvez também possamos pensar no processo de reflexão de nossas práticas docentes como dimensão fundamental na formação inicial/continuada, para uma prática docente destituída de padrões reprodutores e adequadas às diferentes culturas escolares, permitindo dar novos sentidos aos conceitos teóricos desenvolvidos nas Licenciaturas (ou específicos da Educação Física) a partir da aproximação com o cotidiano escolar mediada pela escrita.

Por fim, ressaltamos a necessidade da continuidade das pesquisas no campo, tanto para a expansão de sua utilização enquanto estratégia de qualificação da formação docente, quanto para ampliação de suas discussões e compreensão, evitando que o registro autobiográfico também adquira caráter meramente instrumental.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de; FERNANDES, Amanda Paula. **Aprendizagens no estágio supervisionado: produzindo novas formas e sentidos para os registros.**

Rev. Mineira de Educação Física, Viçosa, Edição Especial, n. 1, p 421-431, 2012.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** 1997. Tese(Doutorado)- UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/Betti_Tese.pdf Acesso em: 05/05/2013

BRATCH, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. **A política de Esporte Escolar no Brasil: A Pseudovalorização da Educação Física.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24,

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

n. 3, p. 87-101, maio 2003. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/download/765/439> Acesso em: 02/05/2013

SANTIN, Silvano. **Esporte educacional: esporte na escola e esporte da escola**. XXVI Simpósio nacional de Educação Física. Pelotas-RS. 2007. Disponível em: http://labomidia.ufsc.br/Santin/ef/24_santin.pdf Acesso em: 18/04/2013

SANTOS, Lorene dos. **Diálogos entre a Universidade e a Escola Básica na formação inicial de professores da PUC Minas**. Projeto Institucional PUC-MG: Edital nº 018/2010/CAPEs

SOUZA, Elizeu Clementino de. Revista Fórum Identidades. **(Auto)Biografia, Identidades e Alteridade: Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na Pós-Graduação**. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/DOSSIE_FORUM_Pg_37_50.pdf Acesso em: 07/04/2013

VAGO, Tarcísio Mauro. **O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente, um diálogo com Valter Bracht**. Movimento - Ano III - Nº 5 - 1996/2

_____. **Rumos da Educação Física escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser**. II EnFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. 1997.

_____. **Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da Juventude**. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009.

TERRA, Dinah Vasconcellos. **A biografia-narrativa como estratégia de formação do professor de Educação Física**. In: Coleção didática e prática de ensino. – Belo Horizonte: Autêntica, pág. 352-362. 2010. Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_6.PDF Acesso em: 18/10/2012